

FICHA TÉCNICA

Título original: *Véchnii Muj*

Autor: *Fiódor Dostoiévski*

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2001

Tradução: *Nina Guerra e Filipe Guerra*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, Outubro, 2001

4.^a edição, Lisboa, Junho, 2016

Depósito legal n.º 299 135/09

Reservados todos os direitos
desta edição à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

1

Veltchanínov

Chegou o Verão, e Veltchanínov, contra as suas expectativas, ficou em Petersburgo. A sua viagem ao Sul da Rússia gorara-se, e o problema de que andava a tratar, um processo litigioso relativamente a uma herdade, tomava um péssimo rumo, não se lhe vislumbrando o fim. Ainda três meses antes parecia bastante simples, quase indiscutível; de repente, tudo mudou. «No geral, está tudo a piorar!» — repetia agora Veltchanínov com frequência e com azedume. Recorreu a um advogado hábil, caro e de renome, e não olhava a despesas; mas, por impaciência e desconfiança, ele próprio se meteu a tratar também do assunto: lia e escrevia papéis que o advogado rejeitava como inúteis, corria as instituições, pedia informações e, pelos vistos, era um estorvo; pelo menos, o advogado queixava-se disso e insistia com ele para que fosse até à casa de campo descansar. Veltchanínov, porém, não se atreveu a partir. A poeira, o sufoco, as enervantes noites brancas de Petersburgo — eis os prazeres que a capital lhe reservava. O seu apartamento, que alugara havia pouco, era para os lados do Teatro Bolchói, e também não o satisfazia; «nada está a correr bem!» A cada dia que passava, crescia nele a hipocondria; de resto, havia muito que era propenso à hipocondria.

Era um homem que já vivera muito e à grande, não muito jovem — uns trinta e oito ou trinta e nove anos —, e toda esta «velhice», como ele dizia, o atingiu «quase inesperadamente»; mas também compreendia que tinha envelhecido mais na

qualidade dos seus anos, por assim dizer, do que na quantidade, e que, se ficou enfermiço, foi mais por dentro do que por fora. Na aparência, de facto, era ainda um homem garboso. Alto e forte, cabelo loiro e espesso, sem uma única branca na cabeça e na barbança comprida, quase até meio do peito, parecia, à primeira vista, um tanto desajeitado e desleixado; mas quem o olhasse com mais atenção notava imediatamente nele o senhor de formação excelente e que tivera uma educação de alta sociedade. As maneiras de Veltchanínov eram, ainda agora, desenvoltas, decididas e, até, graciosas, apesar de todo o ar rabugento e desaprumado que adquirira. Mantinha ainda a sobrançeria mais inabalável e mais descarada do homem da alta sociedade, e talvez nem ele próprio se desse conta de tal sobrançeria, apesar de inteligente e mesmo esperto, às vezes, quase culto e de talentos incontestáveis. As cores do seu rosto, aberto e rosado, distinguíam-se outrora por uma ternura feminina e atraíam a atenção das senhoras; mesmo hoje, havia quem dissesse, ao olhar para ele: «Um homenzarrão, e com esta tez de lírio e rosa!» Contudo, este «homenzarrão» sofria de uma cruel hipocondria. Os seus grandes olhos azul-claros também dantes, uns dez anos atrás, continham bastante força vitoriosa; eram tão claros, tão alegres e despreocupados que atraíam naturalmente quem conhecesse Veltchanínov. Agora, à porta dos quarenta, a luz clara e a bondade quase se apagaram nestes olhos já cercados de rugas finas; pelo contrário, havia agora neles o cinismo da pessoa de moral duvidosa, da pessoa cansada, e também uma astúcia, quase sempre uma ironia, e um matiz novo que dantes não existia: um laivo de tristeza e dor — uma tristeza como que distraída, sem motivo, mas forte. Quando ficava sozinho, a tristeza vinha-lhe mais ao de cima. Coisa estranha: este homem, havia dois anos ainda espalhafatoso, alegre e divertido, contador de histórias engraçadas num jeito simpático, agora gostava, mais do que tudo, de ficar sozinho. Abandonou intencionalmente muitíssimos dos seus amigos e conhecidos, que poderia conservar apesar do grande desarranjo na sua situação financeira. Para falar verdade, o seu amor-próprio também contribuiu para isso: com a cisma e a vaidade dele era-lhe impossível aguentar conhecimentos antigos.

Entretanto, ao retirar-se, essa vaidade foi também mudando, a pouco e pouco. Não diminuiu, pelo contrário, mas começou a transformar-se numa vaidade de género muito especial, que dantes não tinha: sofria às vezes por outras causas que não as anteriores — por causas inesperadas, e antes, de todo impensáveis, por causas de «ordem superior», «se é permitida a expressão, se realmente existem causas superiores e inferiores...», acrescentava para ele próprio.

Sim, chegou a este ponto: atormentava-se agora por umas quaisquer causas *superiores* que antes nem imaginava. No seu fundo, na sua consciência, chamava superiores a todas as «causas» de que (para sua própria admiração) não conseguia rir-se — o que dantes nunca acontecia; rir-se no seu íntimo, claro; oh, em sociedade era outra coisa! Sabia perfeitamente que, se as circunstâncias o permitissem e apesar de todas as decisões misteriosas e reverentes da sua consciência, era capaz de abjurar logo no dia seguinte, em voz alta e na maior das calmas, todas essas «causas superiores» e de ser o primeiro a ridicularizá-las, sem se confessar, evidentemente. Assim era, de facto, apesar de uma dose, bastante considerável até, de independência de pensamento em relação às «causas inferiores» que o vinham dominando até ao momento. Quantas vezes, ao levantar-se de manhã, não teve vergonha dos pensamentos e sentimentos que o tinham acometido durante a insónia nocturna! (É que, nos últimos tempos, sofria de insónias permanentes.) Havia muito que se reconhecia extremamente cismático em tudo, nas coisas importantes e nas insignificantes, pelo que decidiu confiar em si mesmo o menos possível. Havia, porém, factos que ressaltavam, que era impossível não reconhecer como realmente existentes. Às vezes, ultimamente, os seus pensamentos e sentimentos nocturnos alteravam-se por completo em comparação com os habituais e, na sua maioria, não tinham qualquer semelhança com os diurnos. Este facto até o espantou: chegou a pedir conselho a um médico famoso, seu amigo, de resto. Começou a conversa, claro, num tom de brincadeira. Ouvia a resposta de que a alteração, e mesmo a duplicidade, dos pensamentos e sentimentos durante a insónia nocturna seria um facto geral e próprio das pessoas «que pensam e sentem

muito»; e que, às vezes, as convicções de toda uma vida mudavam de repente sob a influência melancólica da noite e da insónia: eram tomadas, sem mais nem menos, decisões de carácter fatal; apesar disso, tudo tem evidentemente os seus limites — se o indivíduo acaba por sentir em demasia tal duplicidade, a ponto de as coisas chegarem ao sofrimento, isso já é sintoma de doença, pelo que se torna necessário tomar de imediato algumas medidas. O melhor seria mudar radicalmente de modo de vida, de dieta ou, até, emprender uma viagem. É benéfico, sem dúvida, tomar um laxante.

Veltchanínov não quis ouvir mais; fora-lhe, contudo, incontestavelmente diagnosticada a doença.

«Portanto, tudo isto é apenas uma doença, todas estas coisas “superiores” são apenas doença e nada mais!» — exclamava de vez em quando, cáustico, de si para si. Não lhe apetecia nada concordar com isso.

Muito em breve começou, porém, a repetir-se de manhã o que dantes só acontecia à noite, mas mais bilioso do que nas horas nocturnas, com raiva em vez de arrependimento, com ironia em vez de enternecimento. Tratava-se, na essência, de acontecimentos da sua vida, havia muito passados, que lhe vinham à memória cada vez mais, e de um modo muito especial. Por exemplo, Veltchanínov vinha queixando-se de falhas de memória: esquecia os rostos dos conhecidos, que se ofendiam por isso; um livro lido meio ano atrás varria-se-lhe da memória durante esse período. Ao mesmo tempo, apesar desta evidente e quotidiana perda da memória (o que o preocupava muito), tudo o que lhe parecia pertencer a um passado longínquo, tudo aquilo de que perdera a memória durante dez ou quinze anos lhe ressurgia repentinamente, e com uma exactidão tão espantosa de impressões e pormenores que parecia estar a vivê-lo de novo. Coisas de que se lembrava agora tinham estado esquecidas a um ponto tal que o simples facto de as recordar agora lhe parecia milagre. Mas havia mais, além da simples recordação (com efeito, quem, de entre aqueles que tiveram uma vida cheia, não terá lembranças de certo género?): o mais importante era que as recordações lhe voltavam agora envolvidas num ponto de vista inteiramente

novo, inesperado, dantes impensável, e como se alguém o tivesse preparado expressamente. Por que razão algumas recordações lhe pareciam agora verdadeiros crimes? E não se tratava apenas de ditames do seu intelecto: se assim fosse, não teria acreditado na sua mente sombria, solitária e doentia; mas era alguma coisa que chegava às maldições, às lágrimas, se não exteriores, de certeza interiores. Ainda dois anos atrás não teria acreditado se lhe dissessem que um dia havia de chorar! De início, aliás, ocorriam-lhe à memória coisas cáusticas, e não sentimentais; alguns falhanços em sociedade, algumas humilhações; lembrava-se, por exemplo, de ter sido «caluniado por um intriguista» e de, em consequência disso, deixarem de o receber em determinada casa; lembrava-se de ter sido insultado clara e publicamente, por acaso havia pouco tempo, e não ter desafiado o ofensor para duelo; de o terem alfinetado com um epigrama, por sinal muito espirituoso, na presença de umas mulheres muito bonitas, e de não ter achado resposta adequada. Lembrou-se até de duas ou três das suas dívidas nunca pagas, na verdade muito insignificantes, mas dívidas de honra, dinheiro que devia a umas pessoas com quem cortara relações e de quem falava mal. Atormentava-o também (mas só nos momentos piores) a recordação de duas fortunas desbaratadas estupidamente, ambas consideráveis. Breve começou, porém, a lembrar-se das coisas «superiores».

Veio-lhe à memória repentinamente, por exemplo, «sem mais nem menos», a figura esquecida — totalmente esquecida — de um velho funcionário de cabelo branco, bondoso e cómico, que ele outrora insultara, pública e impunemente, apenas por fanfarronice: só para que se não perdesse um trocadilho engraçado e feliz que lhe viria a dar fama e seria depois repetido por todos. De tal modo se esquecera deste facto que nem o nome do velhote fixara, embora as circunstâncias do episódio se lhe apresentassem de imediato e com uma nitidez inconcebível. Recordava vivamente que, na altura, o velho tomara a defesa da filha, que vivia com ele e não havia meio de arranjar casamento, e acerca da qual começavam já a correr rumores pela cidade. O velho começara por responder e se zangar, mas de repente desfez-se em

choro diante de toda a gente, o que até produziu alguma impressão. Acabariam por embebedá-lo com champanhe e gozar muito com ele. E agora que Veltchanínov se lembrava «sem mais nem menos» do velho a chorar e a tapar a cara com as mãos como uma criança, pareceu-lhe de súbito que era impossível ter-se esquecido disso. Coisa estranha: na altura parecia-lhe tudo muito engraçado, mas agora não achava graça nenhuma, principalmente a pormenores como o de ele tapar a cara com as mãos. Depois recordou que, por pura brincadeira, tinha caluniado a bonita mulher de um mestre-escola, chegando a calúnia aos ouvidos do marido. Veltchanínov saiu entretanto dessa cidadezinha, desconhecendo por isso os resultados da sua calúnia. Agora, porém, imaginava esses resultados, e só Deus sabe até que ponto o levaria a imaginação se, de repente, não lhe surgisse uma recordação muito mais próxima que tinha a ver com uma rapariga de origem simples, popular¹ de condição, de quem nem sequer gostara, a ponto de se envergonhar das suas relações com ela, mas de quem tivera um filho, abandonando depois mãe e filho sem ao menos se despedir quando partira de Petersburgo (também é verdade que não tivera tempo). Mais tarde haveria de procurar essa rapariga durante um ano inteiro, sem êxito. Aliás, devia ter quase uma centena de recordações deste género, e dava a ideia de que cada uma delas puxava dezenas de outras. A pouco e pouco, também o seu amor-próprio se começava a degradar.

Já tínhamos dito que o seu amor-próprio degenerara numa coisa especial. E tínhamos razão. Por momentos (embora raros), chegava a desligar-se tanto da realidade que nem sequer o envergonhava o facto de não ter carruagem própria e ter de se arrastar a pé pelas instituições, e de se desleixar um pouco com a roupa que vestia. E se algum dos seus antigos conhecidos o medisse na rua com um olhar irónico ou, simplesmente, fingisse não o reconhecer, teria a altivez suficiente, palavra de honra, para nem

¹ «Popular» (na tradução aqui adoptada) corresponde a «não nobre» ou «plebeu». Na muito estratificada hierarquia da sociedade russa do século XIX-inícios do século XX, era, logo a seguir aos camponeses (mujiques), a classe mais baixa. Os funcionários, mesmo os de escalão mais baixo, já tinham um dos muitos graus honoríficos em que se dividia a sociedade russa. (NT)

sequer franzir a cara. Não a franzir a sério, e não só pelas aparências. É claro que isso lhe acontecia raramente, tratava-se apenas de alguns minutos de irritação em que se desligava da realidade; mesmo assim, era evidente que o seu amor-próprio começava a pouco e pouco a afastar-se dos motivos anteriores e a concentrar-se em torno de uma questão que lhe passava constantemente pela cabeça.

«Vejam só — começava às vezes a pensar, satiricamente (a propósito, sempre que pensava em si começava de modo satírico) —, vejam só que há alguém lá em cima que se preocupa em corrigir a minha moral e me manda estas malditas recordações e estas “lágrimas de arrependimento”. Que seja, mas é tudo inútil! Como tiros de cartuchos sem carga! Será que eu não sei, e com certeza, com uma certeza absoluta, que, apesar de todos estes arrependimentos lacrimogéneos e de todas estas autocondenações, não existe em mim a mais pequena migalha de independência, apesar de todos os meus estúpidos quarenta anos! Porque, se amanhã cair na mesma tentação, se, por exemplo, as circunstâncias voltassem a coincidir de maneira a que me fosse vantajoso espalhar o boato de que a mulher do mestre-escola aceitou presentes meus, com certeza não teria escrúpulos em espalhar o boato, e o resultado seria ainda pior, mais nojento do que da primeira vez, precisamente porque seria a segunda vez e não a primeira. Se me voltasse a insultar outra vez, digamos, aquele príncipezeco, filho único da mamã, a quem há uns tempos dei cabo de uma perna com um tiro, pois voltaria a desafiá-lo para duelo e arranjar-lhe-ia uma perna de pau. Então, não serão mesmo cartuchos sem carga, e que utilidade têm eles? E para que me serve lembrar isto tudo, se não sei desembaraçar-me de mim próprio de forma razoável?»

Embora não fosse repetir-se o caso da mulher do mestre-escola, embora não viesse a arranjar pernas de pau para mais ninguém, só a ideia de que isso deveria inevitavelmente repetir-se, caso as circunstâncias também se repetissem, mortificava-o... às vezes. Com franqueza, não é obrigatório estarmos sempre a atormentar-nos com recordações. Também podemos, nos intervalos, descansar e distrair-nos.

Era isso mesmo que fazia Veltchanínov: estava sempre pronto a distrair-se nos intervalos. Mesmo assim, a sua vida em Petersburgo tornava-se cada vez mais desagradável. Já se aproximava o mês de Julho. Às vezes cintilava-lhe na cabeça a vontade de largar tudo, incluindo o próprio litígio em tribunal, e partir para qualquer lado sem olhar para trás, assim de chofre, espontaneamente, nem que fosse para a Crimeia, por exemplo. Mas nem uma hora passava e já repudiava a ideia e se ria dela: «Estes pensamentos repugnantes, uma vez que começaram, não deixarão de me perseguir também no Sul, e se eu tiver um pouco de decência, pelo menos, não tenho o direito de fugir deles, o que de resto também seria inútil.

«Fugir para quê? — continuava a filosofar com amargura. — Aqui está tudo tão poeirento, o ar tão abafado, esta casa está tão emporcalhada; nestas instituições por onde vagueio, por entre toda esta gente de negócios, há tanta azáfama de ratos, as pessoas andam tão preocupadas e acotovelam-se tanto; em todas estas pessoas que ficaram na cidade, em todas estas caras que passam diante dos nossos olhos de manhã à noite está escrito de modo tão ingénuo e aberto todo o egoísmo, todo o descaramento simplório, toda a cobardia das suas almas mesquinhas, todos os seus corações de galinhas, que, francamente e para falar a sério, isto é um paraíso para o hipocondríaco. Tudo às claras, aberto, ninguém acha sequer necessário cobrir a sua nudez, como entre as senhoras por essas casas de campo ou essas termas no estrangeiro — portanto, graças à mera franqueza e simplicidade, tudo é muito mais digno de respeito... Não vou para lado nenhum! Nem que rebente aqui, não vou!...»

2

O senhor com fita de luto no chapéu

Dia 3 de Julho. O sufoco e o calor eram insuportáveis. O dia começou com grande agitação para Veltchanínov: toda a manhã se viu obrigado a andar de um lado para outro, a pé ou de coche, além da necessidade imprescindível que tinha de ir ainda de tarde à casa de campo de um senhor, homem de negócios e conselheiro de Estado, algures para as bandas do rio Tchiórnaia, tentando apanhá-lo em casa de imprevisto. Passava das cinco quando Veltchanínov entrou finalmente num restaurante (muito duvidoso, embora francês) da avenida Névski, perto da ponte Politséiski; sentou-se no seu canto habitual e mandou que lhe trouxessem o seu almoço de todos os dias.

Era uma refeição de um rublo, com vinho à parte, o que, dada a sua situação precária, ele considerava um sacrifício sensato. Admirando-se como era possível comer semelhante porcaria, costumava devorar tudo, mesmo assim, até à última migalha, como se não tivesse comido durante três dias. «Isto é doentio» — murmurava de si para si quando atentava no seu apetite. Desta vez, contudo, sentou-se à mesa num estado de ânimo péssimo, atirou o chapéu com irritação sem reparar para onde, apoiou-se nos cotovelos e ficou pensativo. Se o senhor que estava a almoçar perto dele se mexesse de um modo que ele considerasse incomodativo, ou se o moço que o servia não o compreendesse à primeira, então, por mais educado e imperturbavelmente altivo que soubesse ser quando era preciso, seria

capaz de se portar como um *Junker*² barulhento e armar talvez um escândalo.

Servida a sopa, pegou na colher mas, de repente, mesmo antes de a encher, atirou-a para a mesa e quase deu um pulo. Uma ideia inesperada acendera-se nele: naquele instante — só Deus sabia por que processo mental — consciencializou plenamente a causa da sua angústia, daquela angústia especial que dias seguidos o vinha atormentando sem parar e que só Deus sabia como se lhe pegara e que só Deus sabia por que não queria largá-lo. Pois bem, naquele instante percebeu tudo, ficou a conhecer tudo como a palma da sua mão.

— É aquele chapéu! — murmurou numa espécie de inspiração. — Pura e simplesmente, aquele maldito chapéu redondo, com aquela maldita fita de luto, é a causa de *tudo!*

Começou a pensar e, quanto mais se aprofundava nas suas reflexões, tanto mais sombrio ficava e tanto mais surpreendente se lhe afigurava o caso.

«Mas... que raio de caso pode ser? — protestava, sem confiar em si mesmo. — Haverá nisto alguma coisa que se assemelhe a um caso?»

Era o seguinte: cerca de duas semanas atrás (não se lembrava bem, mas parecia-lhe que duas semanas atrás) encontrou pela primeira vez na rua, algures no cruzamento entre as ruas Podiátcheskaia e Mechánskaia, um senhor com fita de luto no chapéu. Era um homem como outro qualquer, nada havendo nele de muito especial, que lhe passou ao lado muito depressa mas mesmo assim o olhou com uma fixidez exagerada e, não se sabia porquê, lhe atraiu de imediato a atenção, e de que modo! Pelo menos, a sua fisionomia pareceu familiar a Veltchanínov. Pelos vistos, já tinha deparado com aquele rosto em qualquer lado. «São milhares as fisionomias que encontramos ao longo da vida, não nos podemos lembrar de todas!» Ao fim de caminhar mais uns vinte passos parecia já se ter esquecido do encontro, apesar daquela primeira impressão. Mas a impressão persistiu durante todo o dia e, o mais original, na forma de uma raiva sem

² *Junker* (al.) — na Rússia czarista, educando da escola militar. (NT)

motivo. Agora, passadas duas semanas, lembrava-se de tudo nitidamente e lembrava-se também de que não percebera donde provinha aquela raiva: a tal ponto o não percebera que nunca ligou nem fundamentou o seu mau humor daquela tarde inteira com o encontro matinal. Porém, o senhor fez-se lembrado, logo no dia seguinte, esbarrando com Veltchanínov na avenida Névski e voltando a olhar para ele de modo estranho. Veltchanínov cuspiu, mas logo de seguida espantou-se consigo por ter cuspidido. O certo é que também existem fisionomias que provocam logo à primeira vista uma repugnância sem motivo nem sentido. «Sim, devo tê-lo, de facto, encontrado nalgum lado» — murmurou Veltchanínov pensativamente, meia hora depois do encontro. E, mais uma vez, passou toda a tarde de muito mau humor e, à noite, teve até um sonho mau. Mesmo assim, nunca lhe passou pela cabeça que toda a causa da sua nova e especial angústia fosse apenas aquele senhor enlutado, embora, naquela tarde, se tivesse lembrado dele por mais de uma vez. Chegou a irritar-se, de passagem, com o facto de «essa porcaria» se atrever a invadir-lhe tantas vezes a memória; por outro lado, seria para ele humilhante, pelos vistos, atribuir-lhe toda a sua emoção, se acaso tal ideia lhe tivesse passado pela cabeça. Dois dias depois voltaram a encontrar-se entre a multidão aquando do desembarque de um vapor do Nevá. Nesta terceira vez, Veltchanínov estava pronto a jurar que o homem do chapéu de luto o reconhecera e fizera uma tentativa de arrancar na sua direcção, levado e apertado pela multidão; até, ao que parecia, «se atrevera» a estender-lhe a mão; talvez até tivesse soltado um grito e o chamasse pelo nome. Isto, aliás, Veltchanínov não o ouvira distintamente, mas... «quem será, afinal, este canalha e porque não vem ter comigo, se realmente me conhece e tem tanta vontade disso?» — pensou com irritação, tomando um coche e dirigindo-se para o Mosteiro Smólni. Uma meia hora depois já discutia e levantava a voz na conversa com o seu advogado; e, ao fim da tarde e à noite caiu outra vez numa das mais fantásticas e abomináveis angústias. «Não será a icterícia?» — perguntava a si mesmo, hipocondríaco que era, olhando-se ao espelho.

Portanto, aquele fora o terceiro encontro. Depois, durante cinco dias seguidos, «ninguém» lhe apareceu e, do «canalha», nem sombra. Entretanto, uma vez por outra, lembrava-se do homem da fita de luto. Veltchanínov, com um certo espanto, apanhava-se a si mesmo a pensar nele: «Estou com saudades dele ou quê?... Humm!... Também deve ter muito que fazer em Petersburgo. Estará enlutado por quem? Às tantas, o indivíduo reconheceu-me, mas eu não o reconheci a ele. Porque usa esta gente fita de luto? Não liga bem com eles... Quer-me parecer que, se o observar de perto, sou capaz de o reconhecer...»

Então, foi como se alguma coisa começasse a remexer na sua memória, como uma palavra conhecida que esquecemos de repente e tentamos recordar com todas as forças: está-nos na ponta da língua, e sabemos isso; sabemos exactamente o que significa, mas andamos às voltas e não há meio de a recordarmos, por mais que tentemos!

«Aconteceu... Aconteceu há muito... em qualquer parte... Foi... foi... mas que vão prò diabo, fosse ou não fosse!... — gritou de repente, com raiva. — E valerá a pena a gente emporcalhar-se e humilhar-se por causa de um canalha destes?!...»

Irritou-se terrivelmente; mas, ao fim da tarde, ao lembrar-se de que se zangara e, para mais, «terrivelmente», sentiu grande desgosto: foi como se alguém, em certo sentido, o tivesse apanhado em flagrante. Sentiu-se embaraçado e surpreendido:

«Deve haver motivos para me enraivecer desta maneira... sem mais nem menos... apenas por causa de uma recordação...» Não acabou de formular a ideia.

No dia seguinte irritou-se ainda mais, mas, dessa vez, achou, que havia motivo para tal e que tinha razão; foi um «atrevimento nunca visto»: aconteceu o quarto encontro. O homem de luto surgiu de novo, como brotando da terra. Veltchanínov acabava de apanhar na rua o conselheiro de Estado que tão indispensável lhe era, o tal que ele procurava apanhar nem que fosse na casa de campo, de imprevisto, já que este funcionário, que Veltchanínov conhecia mal mas de quem necessitava para resolver os seus problemas, continuava a escapar-se-lhe como dantes e, tudo o indicava, se escondia, sem vontade nenhuma de

encontrar-se com Veltchanínov; contente por ter esbarrado finalmente com ele, Veltchanínov pôs-se a andar ao seu lado, apressando-se, espreitando-lhe para os olhos e esforçando-se ao máximo por desviar a conversa com a velha raposa para o tema que lhe convinha e sobre o qual esta talvez deixasse escapar a palavrinha havia muito procurada e ansiada; mas a velha raposa também não dava ponto sem nó, respondia com piadas, esquivava-se. Foi então que, neste exacto instante de tanto afobamento, o olhar de Veltchanínov distinguiu, de repente, no outro passeio da rua, o senhor da fita de luto no chapéu. O homem estava parado e olhava fixamente para ambos; seguia-os, era óbvio, e parecia mesmo estar a rir-se.

«C'os diabos! — enfureceu-se Veltchanínov depois de se ter despedido do funcionário e atribuindo todo o fracasso da conversa com ele ao aparecimento inesperado do “descarado”. — C'os diabos, ele anda a espiar-me ou quê? É evidente que me espia! Alguém o terá contratado e... e... e, juro por Deus, estava a rir-se de mim! Juro por Deus que o espanco... É pena eu não ter bengala. Compro uma! Não deixo as coisas assim! Quem será? Quero saber quem ele é!»

Por fim — três dias certos após o último encontro (o quarto) —, vamos encontrar o Veltchanínov, tal como já foi descrito, no seu restaurante, já completa e seriamente emocionado, e mesmo um pouco embaraçado. Ele próprio tinha de o reconhecer, apesar de todo o seu orgulho, porque era um facto ter finalmente descoberto, depois de confrontadas todas as circunstâncias, que a causa de toda a sua aflição, de toda a sua angústia *especial* e de todas as suas emoções das duas últimas semanas mais não era do que esse mesmo cavalheiro de luto, «apesar de toda a sua insignificância».

«Verdade que posso ser hipocondríaco — pensava Veltchanínov — e que, por isso, estou pronto a fazer de um argueiro um cavaleiro; mas, será algum alívio para mim que tudo isso *talvez* tenha sido apenas fantasia? Porque, se cada velhaco da laia deste for capaz de transtornar completamente uma pessoa, então é... é...»

De facto, neste presente (o quinto) encontro, que tinha emocionado desta maneira Veltchanínov, o cavaleiro apresentara-se

quase como um argueiro: o dito senhor, tal como antes, esgueirou-se passando-lhe ao lado, mas desta vez já sem examinar Veltchanínov e sem exhibir que o tinha reconhecido, como fazia antes: pelo contrário, baixou os olhos, parecendo querer muito não ser visto. Veltchanínov voltou-se e gritou-lhe a plenos pulmões:

— Eh, o senhor, da fita de luto! Agora quer esconder-se? Alto! Quem é o senhor?

A pergunta e toda a gritaria eram completamente despropositadas. Mas Veltchanínov só o percebeu depois de ter gritado. Ao ouvir o grito, o senhor voltou-se, parou por um instante, atrapalhou-se, sorriu, quis dizer alguma coisa, fazer alguma coisa — por um minuto ficou, pelos vistos, muito indeciso — e, de repente, virou as costas e deitou a correr a sete pés. Veltchanínov olhava-lhe para as costas, espantado.

«Mas se — pensou —, mas se, na verdade, não é ele quem me incomoda, mas, pelo contrário, sou eu quem o incomoda a ele, e a confusão consiste nisso?»

A seguir ao almoço apressou-se a ir à casa de campo do funcionário. Não o apanhou. Disseram-lhe que «saiu de manhã e não voltou ainda, e era pouco provável que hoje voltasse antes das duas ou três da madrugada, porque foi a uns anos e estava na cidade em casa do aniversariante». Foi um «desgosto» tal que, no primeiro acesso de fúria, Veltchanínov decidiu ir a casa do aniversariante, chegando mesmo a dirigir-se para lá; mas, percebendo pelo caminho que isso já era um exagero, a meio caminho largou o cocheiro e arrastou-se a pé para casa, junto do Teatro Bolchói. Sentia necessidade de andar a pé. Para acalmar os nervos, era preciso dormir bem à noite, custasse o que custasse, vencer a insónia e, para adormecer, tinha pelo menos de se cansar. Chegou a casa por volta das dez e meia — a distância era bastante grande — e, na verdade, bastante cansado.

O apartamento, que alugara em Março e com tanto azedume criticava e exprobrava, justificando-se a si mesmo com o facto de «ser passageiro», de ter sido obrigado contra vontade a «atrasar-se» em Petersburgo por causa desse «maldito litígio», era, contudo, um apartamento longe de ser imprestável e vergonhoso, como Veltchanínov o caracterizava. A entrada, de facto, era um

pouco escura e «imunda», visto situar-se logo no interior do arco; mas o apartamento em si, no primeiro andar, consistia em duas assoalhadas grandes, bem iluminadas, com tecto alto; estavam separadas entre si pelo vestíbulo escuro e, deste modo, dando uma para o pátio e outra para a rua. À sala com janelas que davam para o pátio estava anexado um pequeno gabinete destinado a quarto de dormir; porém, Veltchanínov pôs lá os livros e a papelada, espalhados em desordem; dormia numa das divisões grandes, a que tinha janelas para a rua. Faziam-lhe a cama em cima do divã. Os móveis eram razoáveis, embora usados, e havia mesmo alguns objectos caros, vestígios de um bem-estar passado: *bibelots* de porcelana e de bronze, tapetes grandes de Bucara, autênticos; sobreviveram até dois quadros nada maus; mas estava tudo numa desordem que saltava à vista, nada no devido lugar e, até, coberto de pó desde que a sua criada Pelagueia fora visitar a família a Nývgorod e o deixara sozinho. Este estranho facto de ter criada-gem do sexo feminino, e apenas uma criada, quase fazia corar Veltchanínov, ele, homem solteiro e da alta sociedade, com o desejo de continuar a manter-se fidalgo, embora estivesse muito contente com esta Pelagueia. A rapariga começara a trabalhar para ele logo na Primavera em que Veltchanínov se instalara nesta casa, sendo que antes ela trabalhara em casa de uma família amiga dele até esta ter partido para o estrangeiro. Pôs imediatamente tudo em ordem. Ora, com a partida de Pelagueia, Veltchanínov não ousava arranjar outra criada e também não valia a pena contratar um laçao por um espaço de tempo tão curto; além disso, não gostava de laçaios. Assim, todas as manhãs vinha arrumar a casa uma cunhada do guarda-portão, Mavra, a quem Veltchanínov, ao sair, deixava a chave e que não fazia absolutamente nada, limitando-se a cobrar o seu dinheiro e, ao que parecia, a roubar. Veltchanínov, porém, já não se importava com nada e até estava contente por ficar sozinho em casa. Sim, mas só até certo ponto: os seus nervos recusavam-se decididamente, por vezes, nos momentos biliosos, a aguentar tamanha «porcaria» e, quando voltava para casa, entrava quase sempre com repugnância.

Ora, desta vez, nem se deu ao trabalho de se despir: atirou-se para cima da cama e decidiu com irritação não pensar em nada

e adormecer imediatamente, custasse o que custasse. E, coisa estranha: adormeceu de repente, mal a cabeça tocou na almofada; nunca, durante o último mês, lhe acontecera tal coisa.

Dormiu umas três horas, mas com um sono inquieto, com sonhos estranhos, como sonham as pessoas com febre alta. Tratava-se de um crime que ele tinha supostamente cometido e escondido, e de que o acusavam sem parar as pessoas que entravam em casa, vindas não se sabia donde. Acumulara-se ali uma terrível multidão e, mesmo assim, as pessoas não paravam de entrar, pelo que a porta escancarada já não se fechava. Todo o interesse acabou, porém, por se concentrar num homem estranho, outrora muito familiar a Veltchanínov, já falecido, mas que, por qualquer razão, também entrara. O mais torturante era Veltchanínov não saber que pessoa era aquela, ter esquecido o nome dele e não conseguir lembrá-lo. Apenas sabia que, noutros tempos, gostara muito dele. Parecia que também todos os presentes esperavam daquele homem a palavra mais importante: a condenação ou a absolvição de Veltchanínov, e estavam todos impacientes. O homem, porém, continuava sentado à mesa e não se mexia, calado, não queria falar. O barulho não cessava, a irritação crescia e, de repente, Veltchanínov atirou-se, furioso, ao homem e bateu-lhe por ele se recusar a falar, sentindo nisso um estranho prazer. Desfaleceu-lhe o coração de horror e sofrimento por tê-lo feito, mas era nesse desfalecimento que residia o prazer. Completamente desvairado, bateu-lhe mais uma vez, e outra e, numa espécie de embriaguez de fúria e medo, que atingia a loucura, mas também um prazer desmedido, já não contava as pancadas, batia sem parar. Queria destruir tudo, tudo *isso*. De repente aconteceu qualquer coisa: toda a gente gritou terrivelmente e se virou, expectante, para a porta, e nesse momento soaram três toques sonoros da campainha, com tanta força como se alguém a quisesse arrancar da porta. Veltchanínov acordou, caiu em si num instante, pulou da cama e precipitou-se para a porta: tinha a certeza absoluta de que o toque da campainha não era um sonho, que realmente alguém tocara. «Não seria natural que um toque de campainha tão forte, tão real e tão palpável fosse apenas um sonho meu!»